

A METALINGUAGEM DE AGOSTINHO DE HIPONA

MARCOS VINÍCIUS MADRUGA VAZ¹; MANOEL LUIS CARDOSO
VASCONCELLOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – marcosvaz.ufpel.filosofia@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vasconcellos.manoel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) é uma das figuras mais proeminentes da filosofia patristica e da teologia cristã. Sua vasta produção intelectual, que inclui obras como *Confissões* e *A Cidade de Deus*, aborda questões fundamentais sobre linguagem, hermenêutica e metalinguagem. A presente pesquisa examina a contribuição agostiniana para a filosofia da linguagem, considerando registros específicos sobre como a metalinguística influenciou a sua hermenêutica textual, teologia e filosofia ocidental.

A metalinguagem em Agostinho refere-se ao seu pensamento autorreflexivo acerca da linguagem sobre si mesma; especialmente no contexto da interpretação das Escrituras e da comunicação do divino através do humano.

Agostinho aborda a metalinguagem principalmente no contexto da interpretação das Escrituras. Em *De Doctrina Christiana* (397–426 d.C.), ele estabelece princípios hermenêuticos que distinguem entre linguagem literal e figurativa. Agostinho argumenta que a linguagem é um sistema de sinais (*signa*) que apontam para realidades mais profundas (*res*). Neste sentido, a metalinguagem emerge quando a linguagem reflete sobre sua própria função semiótica; especialmente ao decifrar passagens bíblicas complexas.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico. Portanto, o trabalho que foi realizado, eminentemente teórico, ocorreu a partir da análise de textos específicos sobre o tema central da presente investigação. Após a coleta e seleção do material bibliográfico, o passo seguinte foi analisar detidamente o pensamento de Agostinho sobre a metalinguagem presente em sua teoria dos sinais.

Em seguida, com vistas à conclusão da pesquisa, houve um estudo dos comentários críticos e artigos especializados selecionados.

A metodologia utilizada desenvolveu-se em três fases distintas, que se inter-relacionam em cada módulo temático:

(1) Levantamento bibliográfico das principais obras a serem utilizadas na pesquisa (bibliografia primária e secundária): a) Fontes: *De dialectica* (386/7), *De magistro* (389), *De doctrina christiana* (395/6-426/7) e *De Trinitate* (399-422/6). b) Introduções e exposições gerais: “Santo Agostinho” (MATTHEWS, 2007), “Compreender Agostinho” (WETZEL, 2011), “Introdução ao estudo de Santo Agostinho” (GILSON, 2010), “Agostinho: conhecimento, linguagem e ética” (HORN, 2008), “Temas de Filosofia Agostiniana” (CAMPELO, 2013), “Agostinho e seus críticos: artigos em homenagem a Gerald Bonner” (DODARO; LAWLESS, 2013), “Agostinho” (MECONI; STUMP et al., 2016). c) Bibliografia específica: “Wittgenstein and Augustine De magistro” (BURNYEAT, 1999), “The Theory os Signs in St. Augustine’s De Doctrina Christiana” (JACKSON, 1972), “St. Augustine on Signs”

(MARKUS, 1972), “Language, Reality and Desire in Augustine’s De Doctrina Christiana” (WILLIAMS, 1989); bem como contará com citações de outros pesquisadores do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona.

(2) Leitura de textos – Realizou-se a leitura dos livros e artigos escolhidos, além de outras fontes que enriqueceram a pesquisa; compilando a síntese dos argumentos filosóficos mais relevantes.

(3) Elaboração do Relatório Parcial e Final – Diante dos elementos filosóficos coletados na pesquisa foi elaborado um artigo a ser posteriormente publicado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até aqui obtidos foram satisfatórios uma vez que se tornou possível com a pesquisa expor com exatidão a teoria linguística dos sinais, distinguir a interpretação da linguagem como um sistema de signos e determinar a plausibilidade dos argumentos em favor da originalidade do pensamento de Agostinho que o leva a ser considerado como o primeiro filósofo a propor uma teoria que posteriormente viria a ser identificada como semiótica.

Podemos ainda salientar a importância da leitura do inacabado tratado De dialectica na tradução em espanhol, em conjunto com o texto original em latim. Este exercício está permitindo o desenvolvimento de uma futura tradução da referida obra que ainda não possui exemplar devidamente editado e comentado para a língua portuguesa; tornando possível apurar com certa exatidão a compreensão da filosofia de Agostinho sobre o tema da linguagem. Procedimento intelectual que certamente está sendo de grande relevância ao aprimoramento acadêmico.

Em um segundo plano da pesquisa foi possível compreender como as fontes agostinianas demonstram o progresso conceitual do autor a partir das referências extraídas da gramática helenística presente nos seus primeiros escritos filosóficos.

Será demonstrado como Agostinho a partir da sua experiência como professor de gramática em Tagaste (361), ao realizar os seus estudos secundários em Madaura (367) e os estudos superiores das Artes Liberais e da Retórica em Cartago (371), conheceu com profundidade intelectual todos os principais tratados que em alguma medida versavam sobre o tema da linguagem – ao menos na perspectiva das artes

liberais – traduzidos à época para o latim (TRAPÉ, 1994).

A leitura dos diálogos e tratados selecionados como fontes primárias de pesquisa, bem como dos capítulos e artigos especializados sobre o tema da linguagem de acordo com o pensamento filosófico de Agostinho, proporcionaram o suporte necessário para a devida conclusão da presente pesquisa.

4. CONCLUSÕES

Considerar-se-á desde o princípio da pesquisa que jamais fez parte da proposta filosófica agostiniana desenvolver um amplo sistema linguístico como se poderia intencionar encontrar caso não tivesse bem assentado que o seu interesse primário diz respeito ao fenômeno da linguagem enquanto sinal. Logo, uma vez tendo sido estabelecido esta marcação, buscar-se-á demonstrar em que medida é possível propor a originalidade filosófica do pensamento de Agostinho especificamente no campo dos sinais e significados.

Quanto a teoria dos sinais, se demonstrará que para o pensamento

agostiniano existe somente uma única classe de coisas que ser utilizada para tornar algo evidente através da significação; isto é, que pode ser utilizada na linguagem apenas para significar. E é nessa classe que os sinais linguísticos podem ser representados pela palavra (verba) (HORN, 2008). Agostinho afirma que “ninguém usa as palavras se não é para significar algo com elas” (doctr. chr. I,II,2). A dedução lógica desta proposição agostiniana define o conceito do termo signo como tudo o que se utiliza para significar; isto é, dar a conhecer alguma coisa. Logo, todo sinal também é ao mesmo tempo significado e alguma coisa (MATTHEWS, 2008). Por essa razão o pensamento agostiniano demonstra que o que não é alguma coisa, não é nada. Por isso não é possível generalizar tudo no mundo como sinal; da mesma forma que nem toda res é um signa.

Nota-se, ainda, que quando Agostinho faz distinção entre res e signa, ao dizer algo a partir das ‘coisas em si’ tem por objetivo que estas possam ter as suas funções resguardadas em seu sistema mesmo que alguma parte do conjunto destas ‘coisas’ ainda possa ser utilizada para significar outras coisas. Sua intenção é que sempre exista clara separação entre ambas as operações. Caso esta distinção não seja respeitada, a decodificação dos sinais será impedida. O fundamento do seu sistema de linguagem, ao menos neste aspecto específico, busca consolidar a posição das ‘coisas’ quanto ao que elas devem representar em si mesmas.

De maneira específica, será traçado os elementos conceituais que nortearão a perspectiva deste ponto conforme apresentado nos quatro primeiros capítulos do Livro II, na obra De doctrina christiana. No primeiro capítulo, é possível demonstrar perceber que Agostinho busca consolidar a sua posição sobre os conceitos de ‘coisa em si’ e ‘sinal’. Trata sobre o que é signa como sinal e seus vários tipos. No segundo capítulo apresenta a noção de sinais intencionais. Será esclarecido quais são as específicas classes de sinais que são objeto da sua reflexão. No capítulo três, demonstra que a ‘palavra’ é o principal elemento entre os sinais. O quarto capítulo apresenta uma síntese sobre a origem das letras e da diversidade de línguas. Busca demonstrar que a ‘escrita’ proporciona solidez à ‘palavra’.

Portanto, buscar-se-á identificar se os distintos sinais linguísticos propostos na tese agostiniana demonstram que a linguagem é definida como a operação do sistema de sinais conferidos por intermédio dos quais o falante realiza o processo de significação dos seus próprios pensamentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

AGOSTINHO, S. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **O mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

Capítulo de livro

ASHWORTH, E.J. **Linguagem e lógica**: Significação, linguagem mental e convencional. In: MCGRADY, A.S. Filosofia medieval. São Paulo: Ideias & Letras, 2008. Cap.3, p.106-111.

AYRES, L. **A gramática fundamental da teologia trinitária de Agostinho**. In: DODARO, R.; LAWLESS, G. Agostinho e seus críticos: artigos em homenagem a Gerald Bonner. Curitiba: Scripta Publicações, 2013. Cap.5. p. 81-113.

CAMERON, M. Signo. In: FITZGERALD, A.D. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018. p.895-900.

CAMPELO, M.M. **O ensino/educação: o mestre**. Temas de filosofia agostiniana. Curitiba: Scripta, 2013. Cap.23, p.161-165.

HORN, C. **Agostinho – teoria linguística dos sinais**. In: PICH, R.H. Agostinho: conhecimento, linguagem e ética. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Cap.2, p.49-69.

KING, P. **Agostinho sobre a linguagem**. In: MECONI, D.V.; STUMP, E. Agostinho. São Paulo: Ideias & Letras, 2016. Cap.4, p.355-376.

MATTHEWS, G.B. **Linguagem. Agostinho**. Lisboa: Edições 70, 2008. Cap.4, p.45-60.

PIERETTI, A. Filosofia da Linguagem. In: FITZGERALD, A.D. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018. p.610-612.

Documentos eletrônicos

AGUSTÍN, San. **La Dialéctica**. Trad. Pío de Luis / San Agustín: Obras completas; versión española. Última modificação em 28 jan. 2022. Acessado em 12 jul. 2023. Online. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/dialettica/index2.htm>

BURNYEAT, M.F. **Wittgenstein and Augustine De Magistro**. Aristotelian Society Supplementary Volume. Volume 61, Issue 1. Oxford, 1 jul. 1987, p.1–24. Acessado em 21 mar. 2023. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/aristoteliansupp/61.1.1>